

Para o futuro previsível, os Estados Unidos terão de competir com a União Soviética. Caso estranho, alguns americanos consideram esta afirmação como contrária. Eles vêem os nossos esforços passados para competir como parte de um "ciclo-de acção-reacção" que provocou irreflectida e fútil "corrida ao armamento" conduzindo a números cada vez maiores de armas destrutivas.

Os factos estão em grandes contraste com este ponto de vista: em 1967 os USA tinham um terço mais de armas nucleares do que têm hoje. A capacidade explosiva total das armas nucleares dos Estados Unidos hoje é somente um quarto do ponto máximo alcançado em 1960. A intensidade média das armas nucleares dos USA é somente 1/15 do seu máximo em 1957.

(ver gráficos na página 39 do texto inglês)

Mesmo no lado soviético, enquanto o número total de armas nucleares vem aumentando regularmente, a capacidade explosiva total e a média de produção de cabeças explosivas têm estado ambas a diminuir desde meados dos anos 70.

Não se deve pensar que o declínio no arsenal nuclear dos USA foi conseguido à custa da eficácia militar. Antes, resultou principalmente de inovações técnicas que tornaram possível substituir armas nucleares por armas convencionais na maior parte dos acções anti-aéreas e anti-submarinas. Reduções adicionais poderiam ser conseguidas à medida que a nova tecnologia tornar prático utilizar armas convencionais para atacar muitos objectivos em terra que actualmente exigem armas nucleares. Esta tendência desenvolve-se exactamente contra a ideia de uma "corrida qualitativa ao armamento" que vê a inovação como a principal causa da "corrida nuclear ao armamento".

A competição militar Soviético-Americana não tem sido tanto uma corrida: uma edificação militar constante do lado soviético e um comportamento errático e cheio de altos e baixos dos Estados Unidos.

À medida que integramos a nossa estratégia de segurança nacional e a nossa política de negociação de armamentos, vale a pena recordar que reduções anteriores no arsenal nuclear dos Estados Unidos, levadas a cabo na prossecução dos nossos objectivos estratégicos unilaterais, têm sido maiores do que a redução total no número das cabeças explosivas dos soviéticos que seria conseguida conjuntamente pelo tratado INF e 50 por cento da redução esperada do START.

Na verdade, a competição militar soviético-americana não têm sido tanto assim uma corrida. O padrão dos últimos quarenta anos é mais precisamente caracterizado por uma firme, lenta e implacável edificação militar do lado dos soviéticos e um comportamento errático, inconsistente e cheio de altos e baixos dos americanos. Somente o nosso lado tem sido reactivo: temos descurado a defesa em períodos em que nenhuma ameaça parecia iminente, para depois dar a volta e lançar uma grande edificação depois de um desafio externo - como na Coreia (1950) Berlin (1961) Vietnam (nos anos 60) e Afganistão (1979). Durante os anos 60 e 70, os gastos estratégicos soviéticos aumentaram regularmente, mas as despesas dos USA em forças estratégicas declinaram em quase 67 por cento, enquanto o mito da corrida ao armamento floresceu.

Ao aprender como competir efectivamente, podemos melhorar as nossas oportunidades de negociar úteis acordos de armamentos.

Uma vez que temos necessidade de competir com a União Soviética, temos necessidade de pôr em realce estratégias que permitam fazer isso mais efectivamente - estratégias que continuarão a capitalizar nas nossas vantagens inerentes em tecnologia, que maximizem o rendimento no nosso investimento militar e que diminuam os resultados dos soviéticos nos seus enormes investimentos. Ao aprender como competir efectivamente, podemos melhorar as nossas oportunidades de negociar úteis acordos de armamentos.

Precisamos promover programas militares nos quais os Estados Unidos têm uma vantagem competitiva especial vis - a - vis os soviéticos. Um exemplo é a tecnologia "low - observables" (Stealth) que torna os aviões e outros veículos militares mais difíceis de detectar. A ideia "competitiva" de investir fortemente no Stealth não é só porque estamos à frente em tecnologia, mas porque desenvolvendo-a tornará obsoleta uma grande parte do enorme investimento soviético na defesa aérea. Seguindo a iniciativa do Secretário WEINBERGER de 1987 o Departamento de Defesa deveria procurar outros programas que ofereçam aos USA numa vantagem competitiva especial.

A estratégia militar descrita ao longo destas páginas tem de incluir uma estratégia de controle de armas. A ligação entre a segurança nacional e o controle de armamentos poderia parecer óbvia e não - controversa : bons acordos sobre controle de armamentos dar-nos-à mais segurança, possivelmente a um custo mais baixo. Mas muitas pessoas preferem pensar em controle de armamentos como se de alguma maneira tendo lugar num plano diferente do planeamento da defesa.

Uma grande quantidade de retórica política leva-as a acreditar que o ponto máximo do controle do armamento não é tanto militar como político. Para muitos americanos e europeus a atracção dos acordos é que eles permitem-nos engajar os dirigentes soviéticos num "processo" que se espera possa desenvolver "momentum" próprio, que levará a compreensão doutras matérias conflituosas e servirá grandemente para reduzir tensões internacionais.

A perspectiva poderia ser uma receita para o desastre. Quando os acordos de controle de armamentos são valorados principalmente pela boa vontade internacional que se espera eles possam gerar, e apenas secundariamente pelos seus efeitos nos armamentos, então os nossos dirigentes políticos estarão sempre para concluir acordos fazendo concessões em armamentos. Além do mais, se um acordo existente é valorado primariamente como uma expressão de boa vontade em relação à União Soviética então é muito mais difícil para dirigentes americanos exprimirem a sua preocupação acerca da "vigarice" (1) soviética uma vez que estas expressões serão inevitavelmente traduzidas a nível político como falta de interesse em desenvolver a nova relação.

O problema de intrujar é difícil de controlar numa democracia.

O problema de intrujar é difícil de controlar numa democracia. Propostas negociações de armamentos não podem ser avaliadas somente na assunção de que a União Soviética cumprirá automaticamente temos de perguntar também se poderíamos enfrentar uma violação importante ou uma súbita revogação de um acordo. Em particular, temos necessidade de prever o efeito na nossa segurança de uma resposta atrasada ou hesitante das USA a violações substanciais. Para começar, os nossos acordos de armamentos têm de ser capazes de transmitir a certeza no caso de uma violação importante, que será suficientemente não ambígua para possibilitar ao Governo dos USA decidir uma resposta adequada. Tal decisão seria penosa tanto para o Congresso como para o Executivo, porque significaria que as nossas esperanças para o controle de armamentos tinham sofrido reveses e que soluções dispendiosas eram urgentemente necessárias. Quanto mais significativo um acordo de armamento tanto mais importante a capacidade dos Estados Unidos para deter violações ou para prontamente compensar os danos provenientes das principais violações. Para este fim temos de manter uma capacidade de reserva para impulsionar a produção para defesa.

Um bom acordo de armamento será compatível com a nossa estratégia militar a longo prazo.

---

(1). Cheating - to cheat = aldraber, vigarizar, intrujar

Isto significa que nós queremos acordos que (a) não assumam a vulnerabilidade nuclear como uma condição desejável para o povo americano (b) não assumam que a precisão é um atributo indesejável para as armas americanas e (c) não assumam que a defesa contra ataques nucleares é mais perigoso do que a ofensiva. Os acordos devem ser negociados com uma consciência de que eles poderiam restringir as nossas forças e tecnologia, durante décadas.

Para o futuro previsível não será realista procurar acordos para eliminar todas as armas nucleares ou todas as armas químicas. A enorme vantagem soviética em forças convencionais torna provável que a Aliança terá necessidade de algumas armas nucleares para defender a Europa ainda durante muitos anos. Uma interdição das armas químicas não poderia ser verificada.

Os Estados Unidos confiam nas vantagens tecnológicas para compensar inferioridade quantitativa de modo que limitações de testes raramente funcionarão em nosso favor.

As propostas soviéticas de controle de armamentos muitas vezes favorecem limites nos testes de nova tecnologia. Tais limites impedem-nos de manter a nossa vantagem tecnológica. Mútuos constrangimentos na verificação, mesmo se susceptíveis de serem aplicados, têm de ser examinados cuidadosamente para assegurar de que eles, na verdade, serviriam os nossos interesses. Os Estados Unidos confiam nas vantagens tecnológicas para compensar a inferioridade quantitativa, de modo que limitações de testes raramente funcionarão a nosso favor. O principal problema acerca de tais limitações é que elas tornam mais difícil desenvolver as novas tecnologias associadas com fidelidade e precisão. Testes de armas convencionais menos destrutíveis mas mais precisas podem ajudar-nos a desenvolver forças que reduzirão a nossa dependência em armas nucleares.

Acordos de armas nucleares devem ser centrados em reduções verificáveis em armas ofensivas. Uma redução substancial nas forças dos mísseis nucleares da URSS e dos USA tornaria muito mais fácil para ambos os lados desenvolver e lançar efectivas defesas de mísseis. Tal redução a longo prazo de armas nucleares poderia servir a segurança de todos os países desde que se verifiquem duas condições:

1 - Para o futuro previsível, o sistema de verificação dos Estados Unidos e a sua capacidade para responder a violações tem de ser capaz de impedir

(ou ser susceptível de fazer frente) a importantes "vigarices" soviéticas. (Cheating).

2 - A ameaça de agressão não nuclear contra os nossos aliados e outras áreas vitais tem de ser grandemente reduzida, em parte, talvez de reduções de armas convencionais.

Os Estados Unidos poderiam ganhar substancialmente em acordos de armamentos centrados em forças convencionais. Acordos para reduzir as forças dos USA e da URSS estacionadas na Europa poderiam melhorar a segurança da Aliança. O seu valor dependeria da prontidão e da capacidade da Aliança para responder rapidamente a uma reintrodução das forças soviéticas mesmo sob circunstâncias ambíguas e considerando as vantagens geográficas dos soviéticos em trazer força para carregar, não somente na frente central da NATO, mas em particular nas flancos. Contudo, para fazer cortes substanciais nos orçamentos de defesa, é necessário desmobilizar forças convencionais e não somente removê-las da Europa. Na verdade, tais acordos são o único tipo que poderia conduzir a cortes significativos nos orçamentos da defesa. Acordos limitados a armas nucleares afectam somente uma pequena fracção das despesas militares dos USA e da URSS.

Um acordo de controle de armamento que levasse as forças soviéticas da Europa Oriental para leste dos Urais deixá-las a 800-900 milhas náuticas das áreas estratégicas nos flancos setentrional e meridional e no Golfo Pérsico. As forças dos USA recolocadas nos Estados Unidos teriam de deslocar duas vezes mais longe do que as forças soviéticas para volterem à Europa Central e quatro e oito vezes mais longe do que os soviéticos para alcançar as outras áreas estratégicas.

(ver o mapa na página 43 do texto inglês)

Um acordo que impusesse cortes consideravelmente maiores nas preponderantes forças convencionais soviéticas e ordenasse a destruição do seu equipamento pesado (tanques e artilharia) poderia melhorar claramente a segurança da Aliança. Tal acordo contribuiria para reduzir a vantagem geográfica soviética e para evitar excessiva dependencia na capacidade da NATO, de responder rapidamente a avisos ambíguos. É concebível que os dirigentes possam concordar com esse tipo de negociação para reduzir as pressões das despesas para a defesa na sua bloqueada economia.